

Discurso de Abertura

Tenente-general
João Carlos de Azevedo de Araújo Geraldès



Por motivo de força maior, neste caso por motivos de saúde, o Presidente da Direção da Revista Militar, General José Luiz Pinto Ramalho, viu-se impossibilitado de estar, hoje, entre nós.

Esta a razão pela qual tenho o privilégio de, em seu nome, a todos endereçar os meus cumprimentos nesta abertura dos XI Encontros da Revista Militar.

Uma especial palavra é devida ao Exm.^o Comandante do Instituto Universitário Militar, Vice-almirante José António Vizinha Mirones, não só pela abertura com que nos quis receber, como pela sua presença neste anfiteatro, facto que muito nos sensibiliza. Em nome do Presidente da Assembleia-geral da Revista Militar, Tenente-general Alexandre Maria de Castro Sousa Pinto, bem-haja, pois, pela disponibilidade no apoio prestado a esta Revista Militar, a mais antiga, no Mundo, com publicação ininterrupta - fundada em 1848 por um grupo de Oficiais da Armada e do Exército, encimados pelo Tenente Eng.^o Fontes Pereira de Melo, com o primeiro número publicado em Janeiro de 1849.

Os Encontros Anuais da Revista Militar têm vindo a objectivar-se em questões sensíveis que afectam a Defesa Nacional e a Estratégia Militar do País, cujo debate se entende ser relevante. Daí, a sua realização ter vindo a privilegiar os ambientes universitários civis e militares.

Este ano, em colaboração com o Instituto Universitário Militar, julgou-se ser oportuno reflectir sobre o impacto das tecnologias emergentes, com aplicação nos campos de batalha, num futuro próximo. O Tema é desafiante numa procura de avaliar previsíveis consequências nos âmbitos genético, estrutural e operacional da Estratégia Militar de tecnologias de ponta, de duplo uso e militares, de que são exemplo: a realidade virtual aumentada, a inteligência artificial, os veículos não tripulados, a internet das coisas, a computação quântica, a impressão 3D, a energia laser ou a robótica, entre muitas outras.

Pelas capacidades que poderão potenciar, designadamente com influência, directa ou indirecta, nas dimensões do campo de batalha, que influências projectarão nos Teatros de

Operações onde a Guerra Electrónica, a Ciber Guerra e o alargamento ao Espaço Exterior avultam, a um tempo, como condição de possibilidade e limitação? A título de exemplo, o vasto domínio da telemática repercute-se de forma muito sensível na disseminação omnidireccional da informação em tempo real com influência directa na letalidade dos vectores (precisão), no movimento (geolocalização) e no exercício do Comando (capacidade e descentralização).

Apesar das guerras “experimentais”, de que são exemplo a guerra civil de Espanha, no século passado, e a actual guerra na Ucrânia, a historiografia dos conflitos tem acentuado uma relativa continuidade nos meios e processos, verificável entre as fases finais dos conflitos e as fases iniciais dos conflitos seguintes.

Embora, aparentemente, pareça poder ser constatável que, por enquanto, o poder militar, como instrumento da Política que é, se reafirma, hoje em dia, unicamente, como um activo motivador e utilizador de tecnologias disponibilizáveis à sua fundamental componente - o potencial humano -, um desafio que se poderá colocar aos intervenientes nestes XI Encontros será encontrar alguma resposta para a dúvida que surge quanto a uma possível disrupção, ou não, nos Teatros de Operações, decorrente do impacto previsível das tecnologias emergentes nos meios e processos de guerra.

Ou seja:

- Num futuro próximo, o acelerado ritmo da evolução tecnológica provocará, por si só, um acentuado encurtamento no ritmo de mudança das características do campo de batalha?
- Será que aparecerão restrições ao emprego de novas tecnologias que aumentem, descontroladamente, as baixas em combate?
- Qual a relação entre o impacto das tecnologias emergentes nos meios e processos de guerra e a probabilidade de emprego de armas nucleares em ambientes de crise ou guerra?